

Movimento feminista: “Mulheres na Universidade-GEEUM@”¹

Feminist movement: "Women at the University-GEEUM @"

Movimiento feminista: "las mujeres en la Universidad-GEEUM @"

Dr. Leonardo Guedes Henn²

Jociléia Scherer(Me)³

Gláucia da Rosa do Amaral Alves(Lic)⁴

Resumo

O artigo apresenta as ideias e o funcionamento do Movimento Mulheres na Universidade-GEEUM@, uma parceria entre as instituições Universidade Franciscana- UFN e Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, da cidade de Santa Maria- RS. Para tanto, traça-se, inicialmente, um panorama histórico da trajetória do Movimento Feminista no Ocidente, o qual entende-se como um tipo de movimento social. Como fundamentação teórica, entende-se que o movimento feminista é um mecanismo de propagação de educação não formal a partir de sua organização, lutas e desafios. A metodologia adotada é de natureza qualitativa. Como técnica, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, feita através da análise de livros, artigos e teses. Utilizou-se, ainda, o método de pesquisa-ação, a fim de contextualizar o GEEUM@. Concluiu-se que o referido movimento se fundamenta no debate que está em voga no feminismo mundial e se constitui em um importante caso de afirmação do protagonismo feminino no ambiente universitário.

Palavras-chave: Feminismo; Movimentos Sociais; Educação não formal.

Resumen

El artículo presenta las ideas y el funcionamiento del movimiento de las mujeres en la Universidad-GEEUM @, una alianza entre las instituciones Universidad Franciscana-UFN y Universidad Federal de Santa María-UFSM, Santa Maria-RS. Para ello, inicialmente un panorama histórico de la trayectoria del movimiento feminista en el oeste, que se entiende como un tipo de movimiento social. Como fundamentación teórica, se entiende que el movimiento feminista es un mecanismo de propagación de la educación no-formal de su organización, luchas y desafíos. La metodología adoptada es cualitativa en naturaleza. Como una técnica, mediante la investigación bibliográfica, realizada a través del análisis de libros, artículos y tesis. Se usó el método de la investigación acción, con el fin de contextualizar el @ GEEUM. Se concluyó que este movimiento se basa en un debate que está en boga en el feminismo del mundo y constituye un caso importante de afirmación de liderazgo femenino en el ambiente Universitario.

Palabras clave: Feminismo; Movimientos sociales; Educación no formal.

Abstract

This paper presents the ideas and the processes of the Women's Movement at the University GEEUM@, a partnership between the Franciscan University-UFN and the Federal University of Santa Maria-UFSM, in the city

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Dr. em História da América Latina; Universidade do Rio dos Sinos- UNISINOS; São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil; lghenn@gmail.

³ Mestra em Ensino de Humanidades e Linguagens Universidade Franciscana- Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; jocischrer@gmail.com.

⁴Graduada em História, Bolsista/taxa Capes-Prosuc no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens Universidade Franciscana- Santa Maria., Rio Grande do Sul, Brasil; glauciadaamaral@gmail.com.

of Santa Maria-RS. To do so, a historical overview of the trajectory of the Feminist Movement in the West was traced, which is conceived as a type of social movement. As a theoretical foundation, it is understood that the feminist movement is a mechanism of propagation of non-formal education based on its organization, struggles and challenges. A qualitative methodology was adopted. A bibliographical research was used as a technique, which was conducted through the analysis of books, papers and theses. The action research method was also used to contextualize GEEUM@. Our conclusion is that this movement is based on the debate that trending in the world feminism and constitutes an important case of affirmation of feminine protagonism in the university environment.

Keywords: Feminism; Social Movements; Non-formal Education.

1 Introdução

A pesquisa defende a consideração do *Grupo de Estudos e Extensão Mulheres na Universidade-GEEUM@*, da cidade de Santa Maria- RS, como um importante movimento social protagonista da luta feminista. Para tanto, traça-se, inicialmente, um panorama dos movimentos feministas e se discute acerca da pertinência do seu enquadramento nos movimentos sociais. Intenta-se, ainda, destacar o papel educativo dos movimentos sociais em geral, e, especialmente, do *GEEUM@*. Ressalta-se que se defende que a educação não se constitui somente dentro do ambiente escolar, mas em ambientes não formais. O objetivo principal do trabalho é de, ao abordar o *GEEUM@*, problematizar o que é um movimento social feminista e como se opera sua práxis⁵.

Essa pesquisa caracteriza-se por ser de natureza qualitativa. De acordo com Michel (2009), sua finalidade não é mostrar opiniões ou pessoas; ao contrário, pretende explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em estudo, ou seja, busca entender os fenômenos sob o ponto de vista dos sujeitos.

Para contextualizar o Movimento *GEEUM@*, utilizou-se do método de pesquisa-ação, o qual, de acordo com Lara e Molina (2011, p. 124), caracteriza-se por uma ampla interação entre pesquisadores e pessoas envolvidas na situação investigada. Sua intencionalidade é apresentar as reflexões, observações e mudanças de um determinado contexto. Por meio da pesquisa-ação, pensa-se que se pode compreender como se estrutura e identifica a proposta do Movimento. Visto que, as autoras são participantes e tem suas pesquisas voltadas para as questões de gênero, de modo que, o envolvimento das pessoas na pesquisa abre um leque de possibilidades, que perpassam as respostas e cruzam pelas condições de trabalho e vida da comunidade. Dessa maneira, as explicações dos próprios participantes que se encontram em situação de investigadores.

⁵ Utiliza-se aqui a palavra práxis com o sentido *gramsciano* (correspondente ao intelectual marxista Antonio Gramsci), significando uma visão de mundo original que se baseia “inteiramente na ação concreta do homem [no sentido de humanidade] que, por suas necessidades históricas, opera e transforma a realidade (Dicionário Gramsciano, p. 300).”

Como procedimentos para a realização desta pesquisa, as pesquisadoras participam dos encontros presenciais do grupo, que ocorrem de quinze em quinze dias aos sábados, com um total vinte e cinco integrantes fixas das mais diversas áreas do conhecimento (História, Psicologia, Direito, entre outras), todas elas na faixa etária de 21 a 50 anos. Como técnica de coleta de dados utilizou-se um diário de bordo, não foram realizadas entrevistas com as participantes, mas sim, conversas e debates sobre determinados livros de autoras como: *Hanna Arendt*, *Simone Beauvoir*, *Angela Davis*, *Judith Butcher*, entre outras na área de estudos sobre as mulheres.

A participação no grupo segue periodicamente e o intuito não é fazer uma análise, mas apresentar como se constitui o movimento e divulgar ações que venham a problematizar as desigualdades de gênero, violência e representatividade feminina.

A participação no grupo segue periodicamente e o intuito não é fazer uma análise, mas apresentar como se constitui o movimento e divulgar ações que venham a problematizar as desigualdades de gênero, violência e representatividade feminina.

Diante disso, o movimento é uma parceria entre as Universidades UFN (Universidade Franciscana) - UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) e outras Instituições de Ensino Superior (IES) da cidade. A discussão acerca das “*Mulheres na Universidade GEEUM@*”: um relato de experiência na cidade de Santa Maria/RS, será apresentada nos resultados e discussões, no qual pretende situar o leitor a respeito de tal movimento, das temáticas discutidas, bem como sua organização, funcionamento e participantes.

1.1 Feminismo e os movimentos sociais

“Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”. Michelle Perrot

Historicamente, o caráter dos movimentos sociais é o de identificar e explicar o problema ou situação que se quer enfrentar. Ou seja, a capacidade de argumentar que determinada situação é injusta e, com isso, mobilizar muita gente a participar de ações coletivas, a fim de tornar esta problemática pública, ou seja, expandir a ideia de que este problema tem que ser enfrentado pela sociedade.

Tal afirmativa reforça a possibilidade da consideração do feminismo como movimento social, pois ele reúne diversas experiências de auto-organização das mulheres: grupos de bairros, secretarias de mulheres, sindicatos, centros de estudos, pesquisas, núcleos de educação feminista, ONGs e fóruns. Tais movimentos, criados pelas mulheres, servem como meio para debates em relação à sua luta contra a dominação, exploração e opressão. Participam também,

do feminismo, mulheres que não estão inseridas em nenhum desses tipos de grupos, mas que, no seu trabalho, na sua militância nos movimentos sociais e partidos, e na sua vida cotidiana, assumem a identidade política feminista, elaboram e se pautam por posições feministas. (SILVA; CAMURÇA; 2010).

Tendo em vista esta temática, o feminismo, como um movimento social, é aquele que tem como pressuposto básico, o enfrentamento da dominação e exploração das mulheres pelos homens e pelas instituições sociais, consideradas como instituições patriarcais. Ou seja, no feminismo, cada problemática vivida pelas mulheres é interpretada a partir do que este problema revela, e, portanto, das situações de opressão pelas quais as mulheres passam.

Os movimentos sociais no Ocidente surgiram a partir das transformações da sociedade correspondentes ao processo de industrialização atrelado ao avanço do capitalismo e à necessidade de produção. Emergia nas fábricas a busca por melhores condições de trabalho, de acesso à educação e de igualdade social.

Ao iniciar as reflexões acerca dos movimentos sociais e feminista, é preciso situar o leitor a respeito de alguns conceitos. Entende-se por movimentos sociais que são ações coletivas que possuem um grau de organização, no qual representam o conflito ou a contradição entre setores da população pela conquista ou administração de recursos, bens econômicos, culturais e políticos, na qual promovem modificações e transformações das relações instituídas de uma sociedade, havendo os que almejam a manutenção das instituições sociais. Pode-se dizer, que estas reivindicações implicam muito mais que melhoria de salário, mas uma reflexão profunda da consciência da classe popular na luta de seus direitos.

Afirma-se então, que a influência dos movimentos sociais vai além de questões políticas produzidas por eles, uma vez que suas ações indicam mudanças de comportamentos e de regras, ditadas pelo sistema político. Há uma perspectiva cultural simbólica nos movimentos sociais, que é fundamental para impactar a sociedade e contribuir para a transformação social. Ou seja, por meio da luta contra opressão se pode atuar não somente no sentido econômico, mas cultural da sociedade.

Atualmente, os indivíduos e as sociedades se organizam com o intuito de pontuar as questões de igualdade de gênero, trabalhistas, preocupações ecológicas, conservação do meio ambiente, com a intenção de configurá-los como novas reivindicações, diante da nova realidade social.

Kauchakje (2010), relata que os debates teóricos sobre os movimentos sociais iniciaram nos anos de 1970 e 1980, tratando, principalmente, dos movimentos dos trabalhadores e populares urbanos, com decréscimo a partir da década de 1990, em que as discussões se

voltaram para os novos movimentos sociais, dentre eles, os de gênero e ambientalista. Desse modo, estas mudanças de concepções na produção de conhecimento dá uma maior visibilidade a estas novas temáticas, nesse universo dos movimentos sociais.

Nessa perspectiva, a luta pela cidadania está sempre presente nos movimentos, como parte integrante dos seus projetos políticos, dado que ela se apresenta como inerente à constituição dos saberes e consciência de coletividade, assumindo formas específicas conforme o momento histórico. “Para o mundo grego, por exemplo, três ações definiam o mundo dominante como importância do momento: o ato de pensar, a produção do conhecimento e a participação política” (BONETTI, 2010, p. 67). Em virtude disso, o conceito de cidadania vem se reformulando de acordo com os diferentes contextos políticos, econômicos, culturais e sociais, logo seu significado se transforma, conforme as particularidades de cada momento histórico e as correlações de força política.

Nesse viés, pode-se dizer que, os movimentos sociais até meados do século XX eram constituídos, principalmente, a partir da condição de classe social e, geralmente, lutavam por alterações na esfera econômica e social. Já, os novos movimentos, segundo Bonetti (2010), organizam-se, como uma espécie de contra hegemonia, não mais partindo de uma luta direta e específica de classe, mas sim, de uma problemática relevante.

No que diz respeito ao conceito de gênero, este está associado às relações sociais entre os sexos, e traz, como um de seus elementos centrais, as desigualdades de poder. Assim, o gênero se constitui como uma construção social e histórica produzida sobre as características biológicas do sujeito. “O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (LOURO, 1997, p. 22).

O movimento feminista, enquanto movimento social, é um movimento essencialmente moderno, que surge no contexto das ideias iluministas. Nesta perspectiva, o feminismo encaminha “para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado, base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político” (COSTA, 2005, p. 2).

Frente a tal afirmativa, percebe-se que os primórdios do movimento feminista nascem a partir de manifestações no século XIX, quando, desafiando o poder patriarcal masculino, as mulheres reivindicam o direito ao voto, à educação e a emancipação feminina. Esse é um período em que as mulheres eram condicionadas pelos homens a permanecerem dentro da hierarquização social, sobre a ordem e dominação masculina. “Os estudos feministas estiveram sempre centralmente preocupados com as relações de poder” (LOURO, 1997, p. 37).

No Brasil, com o processo de redemocratização, pós Ditadura Civil-Militar, iniciada em 1964, o movimento feminista passou por uma fase de crescimento de novas adeptas. Os debates políticos a respeito do tema se ampliaram devido ao ambiente de abertura democrática. Mas é válido salientar que, em diversos países, em especial nos Estados Unidos da América (EUA), a visibilidade em torno do movimento feminista, já mais intensa, desde da virada do século XIX para o XX, devido ao “Sufragismo”⁶. Conforme Louro (1997, p. 15):

O sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente como a “primeira onda”⁷ do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudos ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvidas ligadas ao interesse das mulheres brancas de classe média, e ao alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países), pois seguindo de certa acomodação no movimento.

Diferentemente dos Estados Unidos, o cenário no Brasil não se mostrava tão favorável para a construção de movimentos libertários. Na década de 1960, quando o movimento feminista estava em plena efervescência nos EUA e na Europa, o golpe civil-militar no Brasil se configurou como um período de repressão contra aqueles que ousavam se opor ao regime. Dessa maneira, as reivindicações dos movimentos sociais permaneciam em torno de melhorias urbanas, da liberdade de expressão e de questões sociais, como o alto custo de vida.

Foram anos difíceis para os movimentos, assim como para a sociedade civil, fazendo com que muitos ativistas partissem para a clandestinidade e/ou se juntar a grupos guerrilheiros. A inserção das mulheres na guerrilha representou uma importante quebra de tabu, pois uma mulher portando uma arma e lutando de igual para igual com os homens, era contrário ao imaginário de mulher, considerada frágil e sensível. Neste sentido, o tipo de tratamento dispensado às mulheres participantes da luta armada, capturadas pelo aparato repressivo, normalmente era cruel ao extremo, visto que, além da subversão da ordem, havia a subversão do papel social/familiar atribuído a elas. É importante ressaltar que este é um período em que a moral cristã conservadora está associada ao governo ditatorial, e sair fora desse padrão bastava para alguém ser considerado subversivo.

Na década de 1970, como consequência do recrudescimento da repressão, muitas militantes foram exiladas, principalmente em Paris. O exílio proporcionou o contato dessas mulheres com o feminismo europeu, e essa troca de experiência contribuiu para o crescimento

⁶Sufragismo: movimento voltado para o direito ao voto das mulheres.

⁷ Algumas pesquisadoras do feminismo desconsideram a nomenclatura de ondas e consideram que o termo mais adequado seja efervescência.

do movimento no Brasil, tornando as ativistas da Europa aliadas na luta pelo fim da ditadura, a favor dos direitos das mulheres e também pela implantação do socialismo (MENDES; VAZ; CARVALHO, 2015).

Frente a esta senda, percebe-se que o movimento feminista no Brasil passou a ter força nos anos 1960-1970, no contexto em que os estudantes eram os grandes atores nos movimentos sociais, muito ativos na efervescência ao final dos anos 60, principalmente em movimentos sociais e culturais que se manifestavam em prol da liberdade.

A partir dos anos 1960, mesmo diante de todas as dificuldades relatadas, causadas pelo ambiente ditatorial, surgiu no Brasil o feminismo de “Segunda Onda”⁸, um movimento com objetivos diferentes em relação ao do início do século XX.

Segundo a Historiadora Joana Maria Pedro, no Brasil, este feminismo de “Segunda Onda” adotou uma metodologia revolucionária de divulgação de suas ideias, os chamados *Grupos de Consciência* ou *Grupos de Reflexão*, constituídos apenas por mulheres. Estes encontros eram feitos nas casas particulares das integrantes, assim como, em bares, cafés, escritórios e bibliotecas, com o intuito de se discutirem os problemas enfrentados pelas mulheres e se contrapor ao machismo. “Um dos objetivos dos Grupos de Consciência/Reflexão das mulheres era aumentar a solidariedade entre elas e melhorar sua autoestima” (2012, p. 245).

Com o processo de urbanização, as mulheres se tornaram visíveis no espaço público, aumentando sua presença nas universidades e nos espaços formais. O feminismo teve um profundo impacto na Academia e na produção científica, abrindo espaço para as mulheres estudarem a respeito do universo feminino, da cultura feminina, das relações entre os sexos/gêneros. Ele próprio se tornou objeto de pesquisa, trabalhando-se com suas origens, com seu desenvolvimento histórico, suas líderes e mentoras, suas produções e suas conquistas.

Tal constatação aproxima-se ao entendimento de Rosemberg que corrobora ao apresentar que “a existência de um bom número de mulheres educadas em Ciências Humanas, constitui uma base importante para que aqui se desenvolvesse, já na década de 1970, um campo de estudos e pesquisas sobre a mulher, estreitamente imbricado com o feminismo renascente” [...] (2012, p. 340).

Esta colocação corrobora as afirmações de Louro (1997), a qual menciona em seus estudos, que neste contexto de mudanças sociais na década de 1960, as militantes feministas

⁸O movimento de “Primeira Onda” foi o movimento feminista que no final do século XIX e início do século XX reivindicava para as mulheres o direito do voto, à educação, o direito do trabalho remunerado com salário igual à dos homens. Já o movimento de “Segunda Onda”, refere-se ao movimento iniciado em meados dos anos 1960, que reivindicava questões relacionadas à sexualidade (direito ao prazer) e ao corpo (aborto e contracepção).

atuantes do mundo acadêmico trazem para as universidades, além de sua participação efetiva nos debates em sala de aula, também sua contribuição na literatura, por meio dos escritos nos livros, jornais e revistas. Contudo, manteve-se intacta uma visão misógina e estereotipada que o definiu como um movimento de mulheres infelizes, frustradas em sua incompetência de conquistar o "sexo forte".

Nesse sentido, Rago (1996), considera que o feminismo contemporâneo vem apontando a necessidade da produção de um discurso histórico diferenciado, capaz de criar novos conceitos, novos campos de problematização e que busquem fontes documentais até então desconhecidas ou subestimadas. Propõe, então, uma leitura "feminista" da História, com todas as intensas controvérsias provocadas, explicitadas ou não.

O avanço do feminismo no Brasil veio acompanhado de mudanças internas nos diversos movimentos que podem ser enquadrados como tal. Primeiramente, os grupos eram homogêneos, compostos por mulheres brancas e de classe média. Hoje, os coletivos são compostos pelos mais variados setores da sociedade, resultado da luta pelo empoderamento da mulher.

2 Resultados e discussão: Grupo de estudos e extensão “Mulheres na Universidade - Geeum@”

“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, Humanamente diferentes e totalmente livres” Rosa Luxemburgo

Durante muito tempo o mundo foi considerado um lugar para os homens. Logo, está dádiva não seria um objeto a ser alcançado às mulheres. Seu destino estava relacionado aos cuidados com o lar, filhos e o bem-estar do marido. Somente a partir do século XVIII, na Europa, percebe-se a contestação deste modelo social e a luta pela igualdade social. As filósofas *Olympe de Gouges (1748-1793)* e *Mary Wolstonecraft (1759-1797)*, foram as primeiras escritoras a apresentar, em seus escritos, não apenas reivindicações em prol das mulheres, mas uma proposta de sociedade igualitária. No século XIX, a defesa de participação social por meio da luta do direito ao voto feminino, torna-se presente como uma das principais pautas dos movimentos feministas.

No Brasil, essa primeira efervescência do feminismo começou a ganhar força a partir de Maria Lacerda de Moura (1887-1945) e Bertha Lutz (1894 -1976), com a fundação de um grupo de estudos intitulado “*Liga para a emancipação Internacional da Mulher*”. O grupo tinha como finalidade lutar pelos direitos políticos, direito ao voto, emancipação feminina e independência. Por meio de entrevistas, artigos em jornais, revistas e saraus literários, buscava-

se pressionar, de forma moderada, as autoridades políticas, em contraponto a outros movimentos feministas, que defendiam, de forma radical, o direito ao amor livre e ao controle da natalidade. “Seu objetivo era outro: queria conscientizar as mulheres de sua condição de servidão à família e conduzi-las à participação social” (LEITE, 2005, p. 17).

Ao longo dos séculos, o movimento passou por inúmeras transformações ganhando destaque e conquistando importantes avanços e vitórias para a vida das mulheres, como a criação da *Lei Maria da Penha* em 2006/11.340/06,⁹ a qual possibilitou um novo instrumento legal contra a violência de gênero. Diante disso, falar sobre a luta das mulheres permite romper com as

Amarras de um senso moral construído pela cultura machista, cristalizada durante séculos. Não é apenas pela igualdade econômica e política que as mulheres conquistam seu espaço; mas são, também, na construção de uma sociedade livre de relações preconceituosas e discriminações” (PEDRO; GUEDES, 2010, p. 05).

Sob o mesmo ponto de vista, no ano de 2015, a Presidenta Dilma Rousseff sancionou a *Lei nº 13.104*, artigo V, estabelecendo como crime o feminicídio contra a mulher, por razões da condição de sexo feminino. Conforme § 2-A “considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: I - violência doméstica e familiar; II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher” (BRASIL, 2015). Observa-se que, mesmo que a lei não tenha conseguido reduzir os índices de violência, ela tem o mérito de visibilizar a opressão social, reconhecendo as mulheres como vítimas de uma violência específica, a qual está enraizada em antigas concepções que apresentam o homem como superior à mulher.

A realidade aponta a necessidade do diálogo entre os movimentos que apoiam as mulheres na luta contra a opressão, contra a culpabilização pelo assédio sexual, entre outras pautas. Dados apontam que o Brasil é o sétimo país no ranking, onde mais se matam mulheres. Cerca de cinco mulheres são espancadas a cada dois minutos no país. Noventa e um por cento dos homens dizem considerar que “bater em mulher é errado em qualquer situação”¹⁰. Sendo assim, considerando-se que a dominação masculina é cultural e é resquício de um sistema patriarcal, uma alternativa de ruptura com esse sistema seria a educação.

⁹ Art. 1o Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher. Disponível em <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>. Acesso 12.07.17

¹⁰ Dados disponíveis em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/alguns-numeros-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres-no-brasil/>

Neste sentido, o movimento *Universidade das Mulheres* foi criado na tentativa de qualificar suas integrantes. Ele objetiva levar aos espaços educativos o debate sobre gênero e sobre o lugar das mulheres e da população LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais e intersexuais). Pretende-se ainda, contribuir para romper com o modelo social estabelecido, empoderando às mulheres e outros grupos feminizados e fragilizados. Dessa forma, Gohn (2011, p. 334) corrobora ao apresentar que;

A relação movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações. No meio acadêmico, especialmente nos fóruns de pesquisa e na produção teórico-metodológica existente, o estudo dessa relação é relativamente recente. A junção dos dois termos tem se constituído em “novidade” em algumas áreas, como na própria Educação – causando reações de júbilo pelo reconhecimento em alguns, ou espanto e estranhamento – nas visões ainda conservadoras de outros.

Diante dessas problemáticas, o Movimento Mulheres na Universidade GEEUM@ teve início no ano de 2016, composto por cinquenta e quatro integrantes, de onze cursos universitários. Porém, no momento atual o número de participantes oscila transitando pelas diversas áreas do conhecimento. O grupo foi fundado pela Professora Nikelen Acosta Witter, atualmente professora do Departamento de História, da Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM), a qual desenvolve investigações em relação às questões que envolvem Gênero e a História das Mulheres na época Contemporânea.

Em parceria com professoras da Universidade Franciscana (UFN), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), além de acadêmicas (os) e pessoas interessadas na temática. O grupo ainda tem como proposta um circuito de filmes, intitulado *Insubmiss@s: questões para o desassossego* (figura 1a; 1b), que começou a partir do segundo semestre de 2017. A ideia é que as (os) integrantes do grupo se organizem em diferentes pontos da cidade (Espaços Culturais, Restaurantes, Universidades, Livrarias, Cafeterias etc.) e apresentem filmes em que o foco seja as mulheres, com o intuito de levar para vários lugares a discussão sobre feminismo e gênero.

(a)

(b)



Figura1: Cartazes Circuito Insubmissas: questões para o desassossego

Fonte: Grupo GEEUM@ Figura1: Cartaz dos filmes do Circuito Insubmissas.

Além dos encontros presenciais, circuitos e palestras, o grupo possui uma página na rede social *Facebook*, a qual é utilizada para publicar convites para suas reuniões abertas, atividades, eventos, debates sobre questões relacionadas à identidade de gênero, feminismo, violência doméstica, além de indicações de livros e artigos. Esse espaço busca promover debates e interações em relação às questões do feminismo e sobre as pautas referentes ao corpo, gênero, luta de classes, entre outros. Conforme Alves e Alves (2013, p. 119):

Os movimentos feministas conquistaram muitos avanços, principalmente no que se refere à entrada da mulher no mercado de trabalho e o acesso à cultura de um modo geral. Porém, as transformações sociais englobam várias dimensões da vida social, o que faz com que as mudanças tão almejadas ocorram de forma gradativa. Trata-se de uma luta pela liberdade, para além da equiparação de direitos, e pelo respeito à alteridade.

Em síntese, as reuniões estão voltadas a compreender e proporcionar discussões, reflexões e debates feministas, a respeito das mudanças ocorridas ao longo das décadas sobre a emancipação feminina, os direitos das mulheres, violência física e psicológica, questões de gênero e racismo.

Com a participação nas reuniões do grupo Movimento Feminista *Mulheres na Universidade-GEEUM@*, busca-se um engajamento de todas (os) as integrantes nos debates e discussões das temáticas sugeridas. Percebe-se a necessidade de trazer, para o campo do debate acadêmico, situações vividas no cotidiano, bem como, refletir e buscar soluções para os conflitos diários.

Nota-se que, por meio da roda de conversas, surge a possibilidade de desabafo e alívio, visto que, a partir da exposição de determinadas situações adversas, tem-se a oportunidade de amenizar as tensões vivenciadas. O diálogo possibilita que as mulheres, de todas as classes sociais, que passam por alguma situação de opressão, não se sintam sozinhas. Dentro dessa

ótica, são essenciais o apoio e a abertura destes espaços para se dialogar, já que estes oportunizam que todas (os) possam conversar sem medo e pudor.

Há que destacar a importância de tal debate ocorrer vinculado, de alguma forma, ao ambiente acadêmico. Nas universidades, na sua origem mundial, na Idade Média, até uma boa parte da Idade Contemporânea, não eram permitidas às mulheres a participação nos debates. No Brasil, somente em 1879 elas passaram a poder frequentar o ensino superior. Mas, a reação social dificultava sobremaneira a realização deste direito. Nas últimas décadas, a presença feminina vem crescendo substancialmente em nível global. A Universidade de Oxford, no Reino Unido, instituição que vedava a presença das mulheres até 1920, no ano de 2018, pela primeira vez na sua história, conta com um número maior de mulheres do que homens em seus bancos (O SUL, 26/01/2018).

Por outro lado, o aumento gradativo das mulheres no ensino superior não é desprovido de reações conservadoras à sua presença, nem tampouco, acompanhado necessariamente de seu protagonismo em posições de direção e prestígio. Neste sentido, segundo Louise Morley, docente da Universidade de Sussex, no Reino Unido, as mulheres são simultaneamente constituídas como vencedoras e perdedoras (2013, p. 416). Ou ainda, o seu avanço estaria gerando um certo tipo de críticas ao que seria a *feminização* das universidades (MORLEY, 2013, p. 420-421).

Isto posto, ao se estudar o Movimento Feminista, buscou-se entender sua complexidade. Evidenciou-se que, embora o feminismo venha a contribuir substancialmente para o empoderamento feminino, ainda há muitas demandas para que realmente haja um novo olhar sobre o papel da mulher na sociedade e para que questões, como violência doméstica, representatividade feminina, desigualdade salarial entre outros, não sejam mais normatizados pela sociedade.

3 Conclusões

Em relação ao movimento feminista *GEEUM@*, evidenciou-se que ele se constitui em um importante exemplo da afirmação do protagonismo feminino, na sociedade em geral, e no ambiente universitário, especificamente, ainda que se esteja distante da tão sonhada igualdade de gênero, mesmo na Academia. Destaca-se ainda, como salutar, a interação entre as leituras acadêmicas teóricas, das mais relevantes, e a possibilidade de se dar voz às mulheres, com depoimentos sobre suas vicissitudes pessoais cotidianas. Melhor exemplo do significado da palavra práxis não há.

É válido ressaltar, que embora o presente artigo busque problematizar o grupo *GEEUM@* como um movimento social, não se deve limitar somente ao debate teórico, mas sim, pensar essa temática e ações que almejem dirimir a reprodução de um discurso que subjuga e inferioriza mulher pelo simples fato de sua condição feminina. Partindo dessa premissa, o estudo abre um leque de possibilidades para se pensar: como divisão sexual do trabalho, a reprodução de desigualdades em relação ao papel das mulheres, criminalização do aborto, representatividade feminina na política, entre outros. Assim, permite-se compreender a luta pela igualdade entre sexos, que somente por meio da educação se conseguirá romper com o modelo machista, logo, é imprescindível reforçar a importância acerca do estudo de gênero no ambiente escolar e as discussões desta temática na sociedade.

Referências

ALVES, A. C. F; ALVES, A. K. S. *As Trajetórias e Lutas do Movimento Feminista no Brasil e o Protagonismo Social das Mulheres*. Fortaleza- CE -UECE – Itaperi, 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B4N2-MZdAtDheVJ0ZW4zQnR0dFE/view> Acesso em: 17 de mai. 2017. (Artigo em Periódico Digital).

BONETI, L. W. Educação e movimentos sociais hoje. In: JEZINE, E; ALMEIDA, M. L. P. (orgs). *Educação e movimentos sociais: novos olhares*. 2. ed. Campinas (SP): Alínea, 2010. (Capítulo de Livro).

COSTA, A. A. A. **O movimento feminista no Brasil**: dinâmicas de uma intervenção política. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.1-20, 2005. ISSN: 2316-1108. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/380/285> Acesso em: 30 de mai. 2017. (Artigo em Periódico Digital).

GOHN, M. G. *A Relação Movimentos Sociais e Educação*. *Revista Brasileira de Educação* v. 16 n. 47, p. 333-513, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf> Acesso em 18 de abr. 2017. (Artigo em Periódico Digital).

KAUCHAKJE, S. *Movimentos sociais no século XXI*: matriz pedagógica da participação política. In: JEZINE, E; ALMEIDA, M. L. P. (orgs). *Educação e movimentos sociais: novos olhares*. 2 ed. Campinas (SP): Alínea, 2010. (Capítulo de Livro).

LARA, A. M. de. B; MOLINA, A. A. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO, C. de A. A; GONZAGA, M.T.C (orgs). *Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas*. Maringá: Eduem, 2011. (Capítulo de Livro).

LEITE, M. L. M. *Maria Lacerda de Moura*: uma feminista utópica. Florianópolis: Mulheres, 2005. 369 p. (Obra completa).

LIGUORI, G; VOZA, P. (orgs). *Dicionário gramsciano*. São Paulo: Boitempo, 2017. 831p. (Obra completa)

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis (RJ), ed. Vozes, 1997, p. 184. ISBN 85.326.1862-6. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf> Acesso em: 20 de jun. 2017. (Obra completa).

MENDES, R. S; VAZ, B. J. de O; CARVALHO, A. F. *O Movimento Feminista e a luta pelo empoderamento da mulher*. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba nº 03 - Ano 2015. ISSN | 2179-7137. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/article/view/25106/14464> Acesso: 13 jun. 2017. (Artigo em Periódico Digital).

MICHEL, M. H. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009, p. 204. (Obra completa).

MORLEY, Louise. Ímpeto e melancolia: as mulheres no ensino superior internacionalmente. In: APPLE, Michael W.; BALL, Stephen J.; GANDIN, Luís Armando (orgs.). *Sociologia da educação: análise internacional*. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 416-427. (Capítulo de Livro).

PEDRO, J. M. Corpo, prazer e trabalho. In: *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 238-259. (Capítulo de Livro).

PEDRO, C. B; GUEDES, O. S. *As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres*. Universidade Estadual de Londrina, 2010, p.1-10. ISSN 2177-8248. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/1.ClaudiaBraganca.pdf> Acesso em: 23 de jul. 2017. (Artigo em Periódico Digital).

RAGO, M. *Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil*. Cadernos AEL, Unicamp, n. 3/4, 1995/1996. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2612/2022> Acesso em 22 de jun. 2017. (Artigo em Periódico Digital).

ROSEMBERG, F. *Mulheres educadas e a educação de mulheres*. In: *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p.333-359. (Capítulo de Livro).

SILVA; C; CAMURÇA, S. *Feminismo e movimento de mulheres*. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2010. 63p. - (Série Mulheres em Movimento, nº 1). Disponível em: <http://soscorpo.org/wp-content/uploads/Feminismo-e-Movimento-de-Mulheres-2013-2a-edi%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso: 14 jun. 2017. (Artigo em Periódico Digital).

O SUL. Porto Alegre: Rede Pampa de Comunicação, [26/01/2018], Diário. Acesso online em: <http://www.osul.com.br/universidade-de-oxford-ofereceu-mais-vagas-meninas-do-que-meninos-pela-primeira-vez-na-historia/>. Acesso em 05 de set. 2018. (Artigo em Periódico Digital)